

# O ENTALHADOR SEBASTIÃO DINIS DA FONSECA: ALGUNS DADOS SOBRE A SUA ACTIVIDADE

Por Natália Marinho Ferreira Alves

## 1. Introdução

O Porto, nas últimas três décadas do século XVII é marcado na arte da talha pelas figuras de Domingos Lopes, António Gomes, Domingos Nunes e Filipe da Silva, cujas obras executadas por responsabilidade assumida individualmente ou de parceria (entre si ou com outros artistas), lhes conferiram com justiça a fama de que gozavam na época<sup>1</sup>. Este facto, sem dúvida importante, fez, porém, com que outros nomes passassem despercebidos e os seus trabalhos, alguns de grande mérito, fossem relegados para segundo plano ou pura e simplesmente esquecidos.

É neste grupo que se insere a figura do padre Sebastião Dinis da Fonseca que, apesar dos poucos dados de que dispomos, pensamos não ter sido unicamente mais um entalhador a trabalhar no Porto e nas áreas influenciadas pela cidade. Com efeito, a sua actividade não se teria limitado ao ofício de entalhar mas estender-se-ia também à feitura de riscos,

---

<sup>1</sup> Sobre estes artistas e a actividade que desenvolveram ver: FERREIRA ALVES, Natália Marinho — *A arte da talha no Porto na época barroca (Artistas e clientela. Materiais e técnica)*, Porto, Documentos e Memórias para a História do Porto — XLVII, 1987, 2 vols.

evidenciando-se desta forma uma faceta que o demarca da mera função de artífice<sup>2</sup>.

## 2. Sebastião Dinis da Fonseca: o entalhador e o autor de riscos

A primeira referência conhecida sobre este artista surge-nos em 13 de Setembro de 1667. Nesta data é arrematada por Manuel de Sousa Sampaio<sup>3</sup> a obra de pintura e douramento do retábulo mor da igreja do convento de Santa Clara do Porto<sup>4</sup>. Graças aos pormenores que nos são facultados nesta escritura, podemos concluir que o retábulo não era uma obra de pequena envergadura mas, pelo contrário, era uma espécie notável. Infelizmente o seu autor permanece mergulhado no anonimato. Porém, como Sebastião Dinis da Fonseca assina o mencionado documento, será uma hipótese a considerar em futuras investigações a sua ligação a este retábulo.

Nesse mesmo ano o artista é apontado como autor dos modelos de madeira das imagens dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo para o trono do sacrário da Sé, que seriam feitas em prata entre 1667 e 1668<sup>5</sup>.

Dois anos mais tarde<sup>6</sup>, o padre Sebastião Dinis da Fonseca assina com a confraria do Santíssimo Sacramento da igreja de Santa Marinha de Vila Nova de Gaia o contrato de arrematação para a execução do retábulo mor da referida igreja. O artista, designado como «sacerdote de missa» e «emsigne escultor» é incumbido de fazer o retábulo segundo a traça e os apontamentos que tinham sido feitos para esse fim, recebendo pelo seu trabalho de entalhador a quantia de 137 500 réis.

Pela leitura dos apontamentos entregues ao artista sabemos que a obra deveria obedecer aos cânones estéticos em vigor, já que a estrutura

<sup>2</sup> Utilizamos aqui a palavra *artífice* para designar aquele que trabalha a madeira, dominando a técnica do entalhe.

<sup>3</sup> Manuel de Sousa Sampaio comprometia-se a executar toda a empreitada pela quantia de 400 000 réis. Cf. BRANDÃO, Domingos de Pinho — *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação I, séculos XV a XVII*, Porto, 1984, pp. 363-366 e FERREIRA ALVES, Natália Marinho — ob. cit., II, p.498.

<sup>4</sup> Este retábulo tinha sido recentemente concluído. Seria substituído em 1730 pelo retábulo executado por Miguel Francisco da Silva, que ainda persiste. A este artista ficaria também a dever-se toda a restante talha da capela mor, arco cruzeiro e ilhargas, criando um dos conjuntos mais equilibrados e esplendorosos do joanismo portuense.

<sup>5</sup> Ver BRANDÃO, Domingos de Pinho — ob. cit., p. 394.

<sup>6</sup> Em 2 de Novembro de 1670. Cf. BRANDÃO, Domingos de Pinho — ob. cit., pp. 394-398 e FERREIRA ALVES, Natália Marinho — ob. cit., I, p. 186 e II, p. 381.

retabilística e os elementos decorativos recomendados se enquadram nos esquemas tipológicos do tempo. Assim: «na fronteira dos pedestais levava talha com passaros e sarafins [...] as colunas maiores serão [...] quorintya e nos terços levava cada hua hua figura de meio relevo [...] as cavas das colunas serão todas revestidas de talha com seus passarinhos e fruteiras»<sup>7</sup>.

O mestre entalhador comprometia-se a dar a obra concluída da sua mão até ao início do mês de Junho de 1671, enquanto que as despesas de pedraria e carpintaria necessárias à colocação de toda a talha seriam da responsabilidade da confraria. No entanto, devido a diversas dificuldades, os mordomos viram-se obrigados a pedir dinheiro a juros — 120 000 réis a 5% — ao estalajadeiro João Dias. Este empréstimo, acordado entre ambas as partes em 26 de Novembro de 1671<sup>8</sup>, possibilitou o assentamento do retábulo executado por Sebastião Dinis da Fonseca. Por certo os contratemplos de ordem financeira foram ultrapassados, pois em 23 de Março de 1672 assistimos à assinatura do contrato de arrematação da pintura e douramento do retábulo por dois dos melhores mestres douradores de então: Mateus Nunes de Oliveira<sup>10</sup> e Francisco da Rocha<sup>11</sup>.

Teremos de esperar até 1691 para encontrarmos Sebastião Dinis da Fonseca, desta vez não só como entalhador, mas também como autor de risco. Com efeito, será em 20 de Novembro desse ano que o artista, agora designado como «reverendo prior do Codal»<sup>12</sup>, arremata a obra do retábulo e sacrário para o altar do Santíssimo Sacramento da igreja de S. Miguel de Aveiro.

<sup>7</sup> Ver BRANDÃO, Domingos de Pinho — ob. cit., p.395.

<sup>8</sup> Obrigação de dinheiro a juros feita pelos mordomos da confraria do Santíssimo Sacramento da igreja de Santa Marinha de Vila Nova de Gaia, em 26 de Novembro de 1671. Cf. BRANDÃO, Domingos de Pinho — ob. cit., pp. 399-400.

<sup>9</sup> Contrato de douramento e pintura do retábulo da capela mor da igreja de Santa Marinha de Vila Nova de Gaia. Cf. BRANDÃO, Domingos de Pinho — ob. cit., pp. 402-404 (indicação da fonte notarial incorrecta), e FERREIRA ALVES, Natália Marinho — ob. cit., I, p. 186 e II, p. 411 e p. 423.

<sup>10</sup> Para se estudar a actividade de Mateus Nunes de Oliveira como mestre dourador ver FERREIRA ALVES, Natália Marinho — ob. cit., II, pp. 410-413 e 628-629.

<sup>11</sup> Francisco da Rocha foi outro grande mestre dourador, sendo muitas e importantes as obras que executou, destacando-se entre elas: o douramento do retábulo mor da igreja do colégio de Nossa Senhora da Graça dos Órfãos, em 1684, e o douramento do retábulo mor da igreja do convento de Santo Elói, em 1686 (ambos no Porto). Sobre este artista ver FERREIRA ALVES, Natália Marinho — ob. cit., II, pp. 423-426 e 647-648.

<sup>12</sup> Termo de Macieira de Cambra, bispado de Coimbra, segundo o documento.

No contrato celebrado com a confraria do Santíssimo Sacramento<sup>13</sup>, menciona-se que, pela quantia de 135 000 réis, Sebastião Dinis da Fonseca ficaria obrigado a fazer toda a referida talha de acordo com uns «apontamentos e declarassois» da sua autoria, comprometendo-se a dá-la pronta e assentá-la na igreja por todo o mês de Novembro de 1692. Por seu lado, a confraria pagaria toda a despesa respeitante ao transporte da talha desde a casa do artista até à igreja de S. Miguel.

### 3. O retábulo mor da ermida de S. Miguel, o Anjo e a revelação da sua autoria

O nosso conhecimento sobre o artista e as suas obras deparava até há pouco com dois hiatos: entre 1668 e 1670 e 1670 e 1691. O documento que agora apresentamos resolve precisamente a primeira lacuna.

A 6 de Março de 1669<sup>14</sup>, o «majinario» Vicente da Rocha<sup>15</sup>, morador em Vila Nova de Famalicão, trespassa a obra do retábulo mor da ermida de S. Miguel, o Anjo (Porto) ao reverendo padre Sebastião Dinis da Fonseca, à altura residente na rua de Santo Ildefonso<sup>16</sup>.

Nos termos da arrematação feita por Vicente da Rocha, a obra em questão compreendia o retábulo propriamente dito e a imagem do Anjo para o mesmo retábulo, pelos quais os oficiais da câmara do Porto pagariam respectivamente 100 000 réis e 7 000 réis.

Sebastião Dinis da Fonseca, que tomava a empreitada de trespassar, ficava vinculado às cláusulas aceites por Vicente da Rocha, nomeadamente a quantia a receber e o prazo de entrega da obra. Da mesma forma, assumia o compromisso de seguir a traça e os apontamentos mandado fazer pelos oficiais da Câmara, anteriormente entregues ao entalhador de Famalicão e agora colocados em seu poder<sup>17</sup>.

Assim, embora sintético — como aliás é próprio de uma escritura de trespassar — o documento que revelamos permite-nos ligar a figura de

<sup>13</sup> Cf. BRANDÃO, Domingos de Pinho — ob. cit., pp. 735-736.

<sup>14</sup> Ver documento agora publicado.

<sup>15</sup> Vicente da Rocha foi o autor do coro e de outras obras de talha feitas na Sé da Guarda em 1654. Sobre este artista ver BRANDÃO, Domingos de Pinho — ob. cit., pp. 305-306.

<sup>16</sup> Em 1670 Sebastião Dinis da Fonseca continua a morar na rua de Santo Ildefonso, no Porto, como se pode constatar pelo contrato mencionado na nota 6. Porém, em 1691, é referido como «prior do Codal». Cf. documento citado na nota 13.

<sup>17</sup> Infelizmente não conhecemos o teor desses apontamentos que nos dariam uma descrição pormenorizada do retábulo.

Sebastião Dinis da Fonseca ao retábulo mor da ermida de S. Miguel, o Anjo.

#### 4. Conclusão

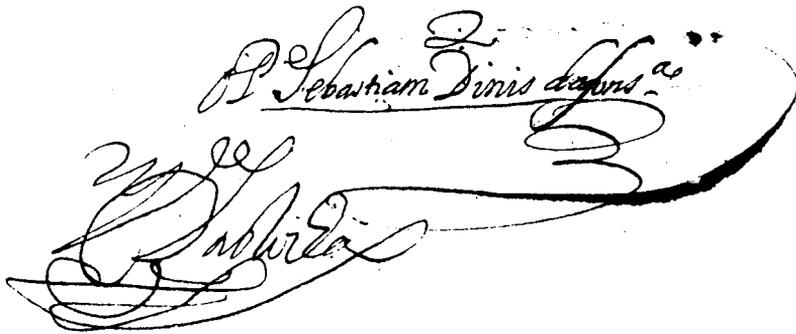
Ponderando todos os dados conhecidos sobre o padre Sebastião Dinis da Fonseca, não temos qualquer dúvida em afirmar que foi uma figura com uma certa influência no panorama da talha nortenha, no período que abarca os três últimos decénios de seiscentos. Contudo, falta-nos ainda encontrar solução para o problema levantado pela inexistência de elementos entre 1670 e 1691, datas dos contratos respectivamente do retábulo mor da igreja de Santa Marinha de Vila Nova de Gaia e do retábulo do Santíssimo Sacramento da igreja de S. Miguel de Aveiro. Esperemos que, num futuro próximo, as nossas pesquisas nos permitam seguir os passos deste artista nesses vinte anos de silêncio.

## DOCUMENTO

«Saibão quantos este publico instrumto de trespasso da obra ao diante declarada obrigação e fiança ao comprimento della tudo na melhor forma que em direito haia lugar virem que no anno do nasimento de Noso Senhor Jhesus Christo de mil e ceissentos e sesenta e nove anos em os ceis dias do mes de Maio do dito anno nesta muito nobre e sempre leal cidade do Porto na rua das Flores della escritorio do Doutor Manoel da Costa Nunes advogado nos auditorios desta Relação e cidadão desta cidade aonde elle ahi estava presente e bem asim Vicente da Rocha majinario morador em Vila Nova de Famelicão termo da villa de Barcellos e o reverendo padre Sebastiam Dinis da Fonsequa morador a Santo Ildefonso extra muros desta cidade todos pessoas por mim tabalião reconhecidas e logo por elle Visente da Rocha foi dito em minha presensa e das testemunhas ao diante escritas e asinadas que pella Camera desta cidade e ofesiaais della mandavão por a pregão a obra do retabollo para o altar mor da ermida de São Miguel o Anjo desta cidade em a coal lansara sem mil reis e asim mais sete mil reis pella imagem do Anjo para o mesmo altar e neste presso elle rematava o dito retabollo e imagem o que tudo elle se obrigava a fazer e asentar pella traça e apontamentos relatados no asento he obriga (sic) que elle Visente da Rocha fisera na dita Camera de presente por sertos ajustos respeitos estava contratado com o dito reverendo padre Sebastiam Dinis da Fonsequa para lhe largar e trespassar a dita obra como em efeito deu largou e trespassou asim e na conformidade que a havia tomado e pello mesmo prezo de sento e cette mil reis pera que elle a faça he asente no tempo e pella maneira e traza que se declara no dito asento e obriga que elle Vicente da Rocha tem feito elle dava poder e lugar a elle reverendo padre para cobrar da Camera a dita contia de sento e sette mil nos tempos e pello modo contheudo no dito asento e se obrigava a não hir contra este trespasso nem pedir couza alguma ao dito reverendo padre quer elle ganhe quer perca na dita obra que para iso obrigava sua pesoa e bens e por elle reverendo padre foi dito que elle aseitava este trespasso e se obrigava como em efeito obrigou por este publico instrumto a fazer o dito retabollo e imagem com toda a pefeisão que se declara no sobredito asento e a fazella e asentalla no tempo em que o dito Visente da Rocha estava obrigado e que sendo caso que a não faça da maneira e traça em que foi rematada ou a não asente no tempo que he obrigação e tendo o dito Visente da Rocha por tal respeito alguma perda ou dano de tudo elle lhe pagar e satisfazer e se obrigava a de tudo o tirar a pax he salvo porquanto tomava e removia sobre si a dita obrigação que elle dito Vicente da Rocha tinha feito que para o comprimento de tudo obrigava sua pesoa e bens

móveis e de rais presentes e futuros e pello dito Manuel da Costa Nunes foi dito que elle ficava por fiador do dito reverendo padre Sebastiam Dinis da Fonseca a que elle faza a dita obra atras declarada tudo na forma que dito fica e ce (sic) contem na obrigação e apontamentos feitos na Camera sob pena de que não na fazendo e tendo o dito Visente da Rocha por ese respeito alguma perda de tudo elle lhe pagar a satisfazer que para iso obrigava sua pesoa e bens moveis e de rais presentes e futuros assim o dizerão huns e o soutros quizerão outorgarão e aseitarão e requererão a mim tabalião assim lho escrevese nesta nota e della lhe dece os treslados neserarios he eu tabeliam como pesoa publica estipulante he aseitante o estepulei he aseitei delles outorgantes em favor das pessoas a que pode tocar não presentes coanto em direito se requer e poso por razão de meu officio sendo a todo per testemunhas presentes Gonçalo Pinto morador na rua Cham e Manuel Martins Ferreira morador na Ferraria Nova que todos aqui asinarão na nota depois de por mim tabalião lhe ser lido he eu tabaliam Antonio de Carvalho que o escrevi.

Manoel da Costa Nunes  
Gonçalo Pinto  
O padre Sebastiam Dinis da Fonseca  
Vicente da Rocha  
Manuel Martins Ferreira.»



The image shows two handwritten signatures in cursive script. The upper signature reads "P. Sebastiam Dinis da Fonseca" and is written in dark ink. Below it is a larger, more elaborate signature in black ink that reads "Antonio de Carvalho". Both signatures are written over a faint, light-colored background.

(Arquivo Distrital do Porto, Po-1.º, 4.ª série, n.º 162, fls. 208-208v.)

